

Hilton e família

Correio das Artes

ANO I Número 16 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 10-7-1949



MARGARIDA LA ROCQUE

AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA

TANTO a época em que a escritora Dinah Silveira de Queiroz insere a sua história, como a área geográfica coberta pela narrativa, constituem a primeira e fascinante condição de "Margarida la Rocque (A ilha dos demônios)". A sugestão de um enredo curioso, a perspectiva, a premonição de que belos ou estranhos acontecimentos vão desenrolar-se, ainda, são (e assim continuará naturalmente sucedendo) elementos básicos, irresistíveis no envolvimento da imaginação, do interesse do leitor, ao contacto ou diante de um romance.

Sem dúvida, o romance chamado psicológico domina o nosso tempo. Sem dúvida, a viagem interior, a descida aos subterrâneos da memória ou do inconsciente, a análise dos sentimentos, dos caracteres, dos instintos, — origens e determinadores das experiências, das atitudes, das ações e das reações humanas, acabaram por dar exatos sentido e grandeza às obras de ficção.

Quem negará, no entanto, por exemplo, o prestígio, o encanto ou a resso-

nância impercíveis (para somente citarmos alguns epígonos) de certos dos famosos livros de Dumas, pai, de De Foe, de Walter Scott, de Stevenson, de Fenimore Cooper, de Conan Doyle, até, decorrentes no imediato e trepidante plano da ação, do movimento, dos tentaculares episódios novelescos, — na sensibilidade e no espírito das gerações? Não convém mesmo esquecer, a esta altura, que, pelas suas próprias raízes e definição, um

romance é, antes de tudo, uma história...

Acontece, todavia, que, se em "Margarida la Rocque" temos a aventura no tempo e no espaço, através de territórios largos e audaciosos, temos igualmente a penetração, o esmiuçamento, a dissecação de estados psicológicos específicos. Tão específicos mesmo que, a rigor, quase fazemos o romance não ir além, a não ser aparentemente, malgrado a natureza absorvente de que se

revestem os seus caminhos, das fronteiras da própria condição humana — todas as fantásticas manifestações exteriores e detalhes do ambiente quase servindo apenas de moldura para a caracterização de algumas irreduzíveis contingências e solicitações comuns ao indivíduo.

Dai, aliás, a segunda e admirável qualidade desse novo volume da romancista das "Floradas na Serra."

x x x

Soneto. do Livido Navio

ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO

EM TEU BOJO DE SANGUE, NOITE ESCURA,
EM TEU VELOZ E LIVIDO NAVIO,
EIS-ME A ESCORRER LUAR. NÃO SEI, COLHI-O
(INDISFARÇADA, RISPIDA AMARGURA)

COLHI-O NA INVISÍVEL COLGADURA
BOLORENTA DE MORTE, NO SOMBRIO
POUSO AFLITIVO DE ONDE SOPRA UM FRIO
INAUGURAL... E SUBITO DEPURA

SOLIDÕES TORTURADAS DE SAUDADE
E AS REMOTAS PLANÍCIES ENSOPADAS
DE CHUVA ETERNA, ANGUSTIA, DESALENTO...

(FICAR ALI, À BEIRA DA CIDADE
POVOADO DE FACES ASSOMBRADAS,
FERIDO, MACHUCADO PELO VENTO!)

O fantástico e o quotidiano, o mistério e o trivial, a imaginação e a realidade, o poético e o prosaico alternam-se, equilibram-se e conciliam-se nas páginas de "Margarida la Rocque", que é, sob outro aspecto a ser considerada também inicialmente, — o de sua originalidade de concepção e estrutura, — "uma novidade na literatura brasileira", como bem a salientou o poeta Carlos Drummond de Andrade, em carta à autora.

Inspirado por uma passagem da "Cosmografia" do Padre André Thevet, a ação de "Margarida la

Rocque" transcorre no século XVI, quando o relato das façanhas dos navegadores audazes as descrições que traziam das visões, maravilhas, lendas, sortilégios e exotismos das ilhas e terras pagãs do Novo Mundo povoavam, em tumulto e frementes convites à aventura, a Europa ocidental, sobretudo nos portos, tavernas, hospedarias e estaleiros dos seus burgos marítimos.

Margarida La Rocque, jovem e bela aldeã francesa, nascera sob o signo de uma profecia perturbadora. E o drama que ela passa a viver, desde o seu casamento com Cristiano, realizado sob as mesmas sutis e enleantes influências que ligaram ao mouro de Veneza a Desdemona shakespeariana, — tanto ao acaso de uma nau sobre o mar ignoto, quando destino, com a cumplida cidade da carne moça e ávida, a empurra, enfim, sentindo-se realmente apaixonada, à infamante traição dos seus deveres de esposa, — como na longa e dura fase de prisioneira da Ilha dos Demônios,

perdida no Atlântico, onde lhe morrem, um a um, os únicos companheiros, o amante João Maria, a áia Juliana e o pobre filho bastardo, — vence em imprevistos e espantos a mais intensa e noturna fantasia.

Dificilmente, numa simples crônica, se poderá resumir o conteúdo do livro da Sra. Dinah Silveira de Queiroz, narrado na primeira pessoa, por Margarida La Rocque, a um padre, sob as arcadas de um convento, de volta de sua surpreendente viagem ao fim da noite, — o que nela existe e vibra de amores, ciúmes, ódios, sacrifícios, alucinações, suspeitas, enigmas, pavores, fugas, — dentro desses limites que magnificamente o definem, e que já aborçamos linhas atrás: uma perfeita verdade psicológica das criaturas, muito embora a atmosfera irreal em que se situam. Verdade psicológica essencialmente comprovada a partir da constatação de que a solidão é a maior geradora de desesperos, fan-

tasmas e duendes; de que o ciúme aguça a sensibilidade e os nervos, mobilizando-os em extravasamentos ilógicos e doentios; de que a convicção da culpa, do pecado cometido leva à compreensão e à aceitação do castigo inevitável, resgate e apaziguamento.

Para citar, ainda, outra oportuna observação do Sr. Carlos Drummond de Andrade, seria, notadamente, desejável, na primeira parte do livro "um pouco mais de "cor local" para situar melhor os personagens no espaço e no tempo, talvez algumas minúcias de vestuário, objetos domésticos e costumes valorizassem a narrativa, impregnando mais profundamente o leitor no ambiente, na vida cotidiana da época.

O romance guarda, contudo, geralmente, a coragem pelo estilo da linguagem dos personagens, uma sensível adaptação e sabor quinhentistas, sem excessos ou afetações, — o que revela o tato e o senso de proporções da escrita. Senso de proporções

que é posto à prova, principalmente, na arquitetura do autêntico clima de prodígios em que culmina, afinal, o romance, — preparado como que por escalas sucessivas, por etapas cada vez mais fortes de odensamento, por um encaadeamento sempre maior de episódios, tumultuários de fabulosas projeções de seres, animais, assombrações, monstros.

x x x

Dessa sua última "experiência" de romancista, a conclusão é que a Sra. Dinah Silveira de Queiroz superou, com êxito real, as dificuldades e complexidades inerentes ao tema, à época, ao meio, — inclusive a parte movediça, informe e numerosa, de fantasia e mistério, que necessitava captar, disciplinar e modelar.

Vale ressaltar, ainda, o sopro de profunda poesia, de ardente calor humano, que lhe imprime acentos de flagrantes colorido e emoção a tantas passagens da trama novelesca.



III Congresso de Escritores

A COMISSÃO Central Organizadora do III Congresso Brasileiro de Escritores, instalada na Bahia, já tomou as suas primeiras deliberações. Na última reunião foi escolhido o sr. Jorge Calmon para presidente da referida comissão e o sr. Adreão Ribeiro Costa para secretário. Constituíram-se também as diversas comissões em que a central se desdobrou, as quais ficaram compostas do seguinte modo:

Comissão de Regimento: — Natan Coutinho (presidente), Laura Austregésilo e Virgílio Mota Leal; Comissão de Finanças:

— Arquimino Ornelas (presidente), Héron de Alencar e J. Palma Neto; Comissão de Divulgação: — Alberto Silva (presidente), Claudio Tuluti Tavares e Adalmir da Cunha Miranda;

Comissão de Recepção: — Humberto de Alencar (presidente), Hélio Simões, José Valadares, Acacio Ferreira e Milton Tavares.

A Comissão Central Organizadora esteve em visita ao sr. Otávio Mangabeira, governador do Estado, comunicando-lhe a escolha do seu nome para a presidência de honra do Congresso.

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado
Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

COLABORADORES

A. Accioly Netto, Aderbal Jurema, Afonso Felix de Sousa, Afranio Coutinho, Antonio Bento, Antonio Broynier, Antonio Franca, Bandeira Tribuzi, Bezerra de Freitas, Brito Broca, Carlos Romero, Celina Aguirre, Celso Otavio Novais, Clovis Assumpção, Clelia Silveira, Clovis Moura, Cyro Pimentel, De Castro e Silva, Djacir Menezes, Dilermando Luna, Edmur Fonseca, Edson Nery da Fonseca, Enrico Camerini, Evaldo Coutinho, Fernando Ferreira de Loanda, George Mattos, Gilberto Freyre, Guerra de Holanda, Hamilton Pequeno, Haroldo Bruno, João Condé, João da Veiga Cabral, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Moreira da Fonseca, José Lins do Rêgo, Juarez Batista, Léo Ivo, Lucia Miguel Pereira, Lopes de Andrade, Malaquias Abrantes, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Manuel Diegues Junior, Maria da Saudade Cortezão, Nice Figueiredo, Nilo Pereira, Orlando Romero, Otto Lara Rezende, Péricles Leal, Raul Lima, Reinaldo Moura, Sosigenes Costa, Tullo Hostilio Montenegro, Van Rogger, Wilson Chagas e Wilson Martins.

ILUSTRADORES

Arnaldo Tavares, Arpad Szenes, Augusto Reynaldo, Carlos Thiré, Cicero Dias, Fayga Ostrower, Helio Feijó, Hermanno José, J. Lyra, Ladjane, Pancetti, Santa Rosa, Van Rogger, Yllen Kerr, Wilson Rodrigues, Woller e Zukeno Pessoa.

O Caricaturista Agripino Grieco

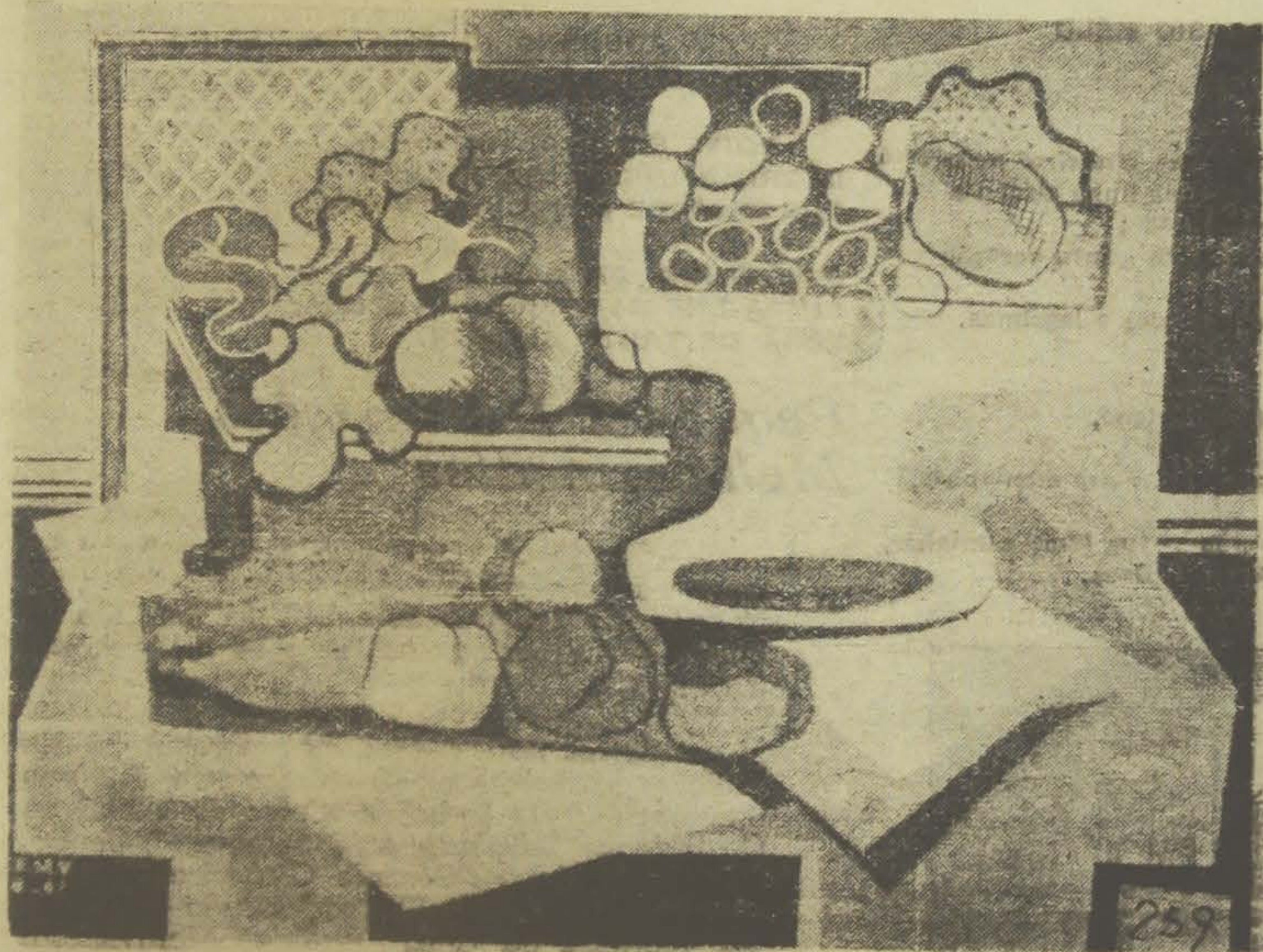
HAMILTON PEQUENO

O QUE caracteriza o sr. Agripino Grieco é a sua franqueza desabusada, a sua ironia picante, a mordacidade que se manifesta em tudo que escreve. É ele um implacável destruidor de ídolos criados às pressas. Não pesando as consequências das suas observações, castiga sem piedade enfatuados literatos sem livros, imortais mortabilíssimos e pacatos cidadãos que engordam nos cargos públicos, conseguidos às custas do palavrório demagógico. Nem os miséros cantores de sambas molengas escapam à sua pena implacável. Chega mesmo a ocupar-se com um maniaco que se dissolve em lágrimas à lembrança de morrer no mar, sem no entanto afastar-se um milímetro da terra sólida, que um dia terá de armazenar os seus ossos ruins. O sr. Agripino Grieco peca, nesse particular, por levar em consideração figuras de nenhuma expressão, afastando-se dos seus deveres de crítico literário. Tenho comigo que a função do crítico é essencialmente interpretativa e valorizada, no plano da criação intelectual. E no exercício de suas atividades, o crítico somente deverá debater problemas de caráter puramente cultural.

Em "Zeros à Esquerda" (1) o sr. Agripino Grieco desvia-se frequentemente para outros planos, fugindo à sua função principal, como crítico literário. Verdade que os comentários sardônicos são oportunos e necessários, apesar de não surtirem nenhum efeito como corretivos. Os cantores de rádio continuarão a revirar os olhos e a expelir guinchos repelentes (e isso com muitos aplausos), os funcionários demagogos não deixarão de reunir tranquilamente as suas adiposidades, nem os mortais abdicarão à sua problemática imortalidade. Nada mudará, mas o equívoco dessas situações ficará

rá entregue ao domínio público. Razão pela qual o sr. Agripino Grieco insiste, frequentemente, nas mesmas afirmações sobre alguns vultos aureolados, possuidores de muitos livros, não passando, porém, para empregar uma expressão sua, de pobres "eunucos de Bibliotecas", vítimas do terrível mal que é o da ausência de talento. São esses, como ele chama, os "solteirões do talento". A persistência em utilizar os conceitos já uma vez expendidos, é, em muitas ocasiões, desnecessária. Não ilude a ninguém, quando inexato, o valor que se possa atribuir a qualquer pessoa. E se isso ainda acontece, como se pode observar com o grande público, no Brasil, a origem pode ser encontrada no lastimável índice de educação, na deficiência do gosto pela cultura, na orientação falsa de alguns censores críticos. Para julgar é necessário, antes de tudo, honestidade e cultura,

sensibilidade e imaginação, e honestidade mais que tudo. Esse senso de honestidade não falta ao sr. Agripino Grieco. O seu excessivo rigorismo, interpretado em regra geral como parcialidade, nada mais é do que uma afirmação evidente dessa importante qualidade crítica. Não há negar a identidade que possa existir, muitas vezes, entre o autor e o intérprete, o que torna o julgamento mais completo e mais sentido. Baudelaire fez uma revelação sobre as vantagens da crítica apaixonada, com o que não concordo. A identificação de idéias e sentimentos com um escritor é natural e não influirá na ordem de valorização, contribuindo somente para torná-la mais sincera. A paixão já é uma mudança, uma abilitação, para o raciocínio normal. É uma escravização da faculdade avalizadora, uma sujeição sem contradições, não admitindo afirmações outras que não sejam apoloéticas. O sr. Agripino Grieco coloca os seus pontos de vista num equilíbrio entre a admiração e a repulsa. Raro o momento em que se deixa dominar por uma admiração forte como aquela que sente por Raul de Leoni ou Castro Alves, (2), que alcança a prosa dos seus melhores momentos. Está quase sempre voltado contra a "mediocridade dourada" de que já falou Dostoiévski, fazendo análises causticantes e caricaturas grotescas. Essa sua predileção, essa tendência para o caricatural, na sua crítica, chega muitas vezes a ser prejudicial. Preocupando-se demasiadamente com os defeitos, com as particularidades físicas, o sr. Agripino Grieco esquece, não sei se propositadamente, a obra em que deveria demorar-se em maiores pormenores, numa análise mais acurada. Ele vê, ou-



NATUREZA MORTA — Ernani de Vasconcelos

tes da obra, o autor e o lado ridículo da sua personalidade, o que é um erro grave, tratando-se de uma incidência peculiar. O pior é que as figuras com que se ocupa, relegando os respectivos produtos, bons ou máus, prestam-se magnificamente aos seus desenhos humorísticos. E quando não tentaram criar coisa alguma, quando são simplesmente inutilidades completas, beneficiadas pelas atividades mais suspeitas, melhores ainda as caricaturas que sabe pintar. A galeria de aleijões colecionados pelo sr. Agripino Grieco, é algo importante nesse terreno, e creio não existir tipos mais estudados em todas as suas faixas excusas, nem reproduzidos com maior fidelidade. Entre os que pintam caricatura em prosa, é o sr. Agripino Grieco o melhor que conheço. Já como ensaísta, apresenta um grande poder de interpretação e de síntese, revelando até nuances sentimentísticas, que nele são manifestações difíceis. Há no ensaísta algo de poético, de imaginativo e lírico que o

crítico procura controlar, no exercício das suas funções, para não cair no sentimentalismo ligeiro. A faculdade poética do sr. Agripino Grieco transparece fortemente nos seus ensaios, sem que deixe de apontar, embora de leve, traços caricaturais de algumas das figuras estudadas. E esse detalhe, que na crítica é uma falha lastimável, nos ensaios, surgido com muita parcimônia, não chega a ser prejudicial, antes oferecendo um caráter de certa originalidade aos trabalhos. Em "Zeros à Esquerda" o sr. Agripino Grieco não faz ensaio nem tampouco crítica pura, mas verruma sem piedade todos os que fazem da desonestidade um trampolim para as suas desregradas ambições.

(1) — Agripino Grieco — "Zeros à Esquerda" — Vol. 10 das OBRAS COMPLETAS — Liv. José Olympio Editora. — Rio — 1947.

(2) — Agripino Grieco — "Vivos e Mortos" — Vol. I das OBRAS COMPLETAS — Liv. José Olympio Editora — Rio — 1947.

PARA MINHA MAE

ROSE DARROUGH

TRADUÇÃO DE PROTASIO MÉLO

SENTI a música
Da lira selvagem do vento através dos pinheiros poderosos,
Das ondas ritmadas que batem ao longo da linha cinzenta
Dos rochedos, em sinfonias de arte estudada;
Porém nunca uma música emocionou tanto o meu coração
Como a tua risada sadia pelos anos
Fecendo um fio de ouro, através de cuidados e lágrimas.

Conheci a beleza

No ouro derramado por um sol de outono,
Num crepúsculo rápido quando o dia se vai,
Nas árvores que balançam junto aos regatos nas montanhas,
Nos olhos da mocidade que sonha,
Porém a beleza real, encontrei quando vi tua alma caminhar,
Caminhar pela grande estrada branca de Deus.



TRES POETAS DA GALIZA

TRADUÇÕES DE EDUARDO MARTINS

NOTURNO

JUAN VIDAL MARTINEZ

CANTAM AS ESTRELAS NO CÉU E NO RIO,
CANTAM AS ESTRELAS
A CANTIGA BRANCA
DOS MOMENTOS LÍRICOS.

QUE PENA TÃO FUNDA N'ESTA HORA SINTO!
TEM O MEU SILÊNCIO
UM TREMOR DE LÁGRIMAS
SAUDOSO E DIVINO...

CANTAM AS ESTRELAS NO CÉU E NO RIO,
CANTAM AS ESTRELAS
A CANTIGA PURA
DOS MOMENTOS LÍRICOS.

MUINHADA

CÁNDIDO FERNÁNDEZ

MUITO TENS DE MOINHAR.
MOINHA, LINDA MOINHEIRA,
A CANÇÃO DO TEU CANTAR.

MOINHA AS LOUCAS ONDINHAS;
MOINHA, ALEGRE MOINHEIRA,
AS MAIS BELAS CANÇÕES MINHAS.

MOINHA O POLEN DA LUA;
MOINHA, LOIRA MOINHEIRA,
A MAIS PURA CANÇÃO TUA.

MOINHA, A FLOR DA TUA CÔR;
MOINHA A ÁGUA E O VENTO
E O MEU MAIS SINGELO AMOR.

DEFINIÇÃO

AQUILINO IGLESIAS ALVARINO

A
NOITE É O PRANTO DO DIA,
LÁGRIMA IMENSA DE SOMBRA
QUE ESCORRE SOBRE A CAMPINA.

O VENTINHO DA MANHÃ
LIMPA-LHE OS OLHOS À AURORA,
RÔXA DE TANTO CHORAR.

Pequenas Informações Melhoramentos

— Charles A. Lindbergh, que se tornou famoso várias vezes por diferentes atividades, terá seu livro "Da Aviação e da Vida" lançado em língua portuguesa pelas "Edições Melhoramentos".

— Livros para breve: da programação das "Edições Melhoramentos", ainda para este ano figuram: "Oliver Twist" e "Conto de Natal" de C. Dickens; "Mistérios do Firmamento", de Domingos Marchetti; "César e Cleópatra" de Bernard Shaw; "Era de Queiroz" estudo biográfico por Marques da Cruz; "Histórias Maravilhosas da Alhambra", de C. Irving.

A FACE DO POETA

JORDÃO EMERENCIANO

DEPOIS do que Nilo Pereira escreveu sobre "O ROSTO" de Guerra de Holanda, não tenho cara para dizer mais nada. Talvez não consiga ir além de uma careta... Se eu fosse um crítico, e um crítico preocupado em assinalar o "tonus" dominante da poesia de Guerra de Holanda, diria, — desde logo, que a nota principal de "O ROSTO" é a mulher, como convém aos poetas e sobretudo a mulher perdida, o que é mau. Diria também que há nele excesso de "corpos desnudos" e de virgens e não virgens, louras e morenas. Ele mesmo confessava que:

"São sete mulheres mortas que não tenho onde deixá-las!"

Ora, diria um crítico resmungão, deixe, sr. Poeta, de tantas mulheres mortas senão terminará assombrado, mal assombrado, ou, no mínimo todo como um barba azul.

Tudo isso porém, sem acrescentar mais nada, seria um humorismo de muito má morie.

x x x

Há em Guerra de Holanda um autêntico poeta, desses cuja poesia pela sua clareza, comunicabilidade, pela força do seu sentimento, pela sua expressão, não exige que o leitor faça malabarismos de inteligência ou um curso de ciências herméticas para entendê-la. Não quer dizer com isso que seja trivial, leviana e terra a terra. É humana. Essa sua humanidade é o segredo da sua inteligibilidade pelos outros mortais. Aliás nunca é demasiado acrescentar que em grande parte o êxito do poeta depende da ressonância da sua mensagem na alma do leitor. Ele dá as notas principais, os temas da meditação. O Leitor, com mais ou menos alma, pela sua sen-

sibilidade e capacidade poética desenvolve esses pontos e constrói a trama interior da melodia. Não sei se me faço entender, creio porém que esse fenômeno não é muito difícil de reconhecer. Quem, porventura, não percebeu a significação íntima que, nesse sentido, sugere Papini no capítulo "Fábrica de Poesia"?

Um espírito malicioso, dessa malícia fina e cruel dos velhos deuses pagãos, disse-me, não faz muito, que talvez o próprio Guerra de Holanda ignorasse que fosse tão grande poeta. Não concordo com o dito embora houvesse nele pelo menos o reconhecimento implícito de que a poesia de "O ROSTO" é

espontânea, fluente, natural, ao ponto de o seu autor não sentir que está fazendo poesia, e poesia da boa. Não concordo porque creio, firmemente, que Guerra de Holanda embora não seja um cerebral, no que faz muito bem, é, contudo, um poeta que vive e sente na carne da sua alma e no sangue da sua sensibilidade todos aqueles temas e aquelas notas que impregnaram a sua poética.

E tem consciência disso. Creio também que "O ROSTO" do poeta estampa e retrata as dores e angústias da face de todos os homens.

O verso de Guerra de Holanda não tem métrica nem rima, suponho eu, pois disso não entendo, tem, porém, mais que isso: Há nê-

le uma verdadeira música interior, uma suave e harmoniosa construção musical:

"Nos águas do mar
Profundas e verdes
Que quebram na praia
Em alvas espumas,
Ocorre um mistério".

Não menos musical é essa quadra:

"Lenora tão nova
Passando de leve
Vestida de neve
Na loura manhã..."

Não sei se errarei descobrindo em Guerra de Holanda uma nota especial: é o poeta das mulheres perdidas, das mulheres sem dono que por serem de todos, não são de ninguém. O cantor dessas pobres mulheres que moram nessas ruas onde se "dorme mais tarde" e vivem

"Nos noites de escuro
Juntando nos braços
Nos braços lascivos
Pedacos de corpo
De corpos sem vida".

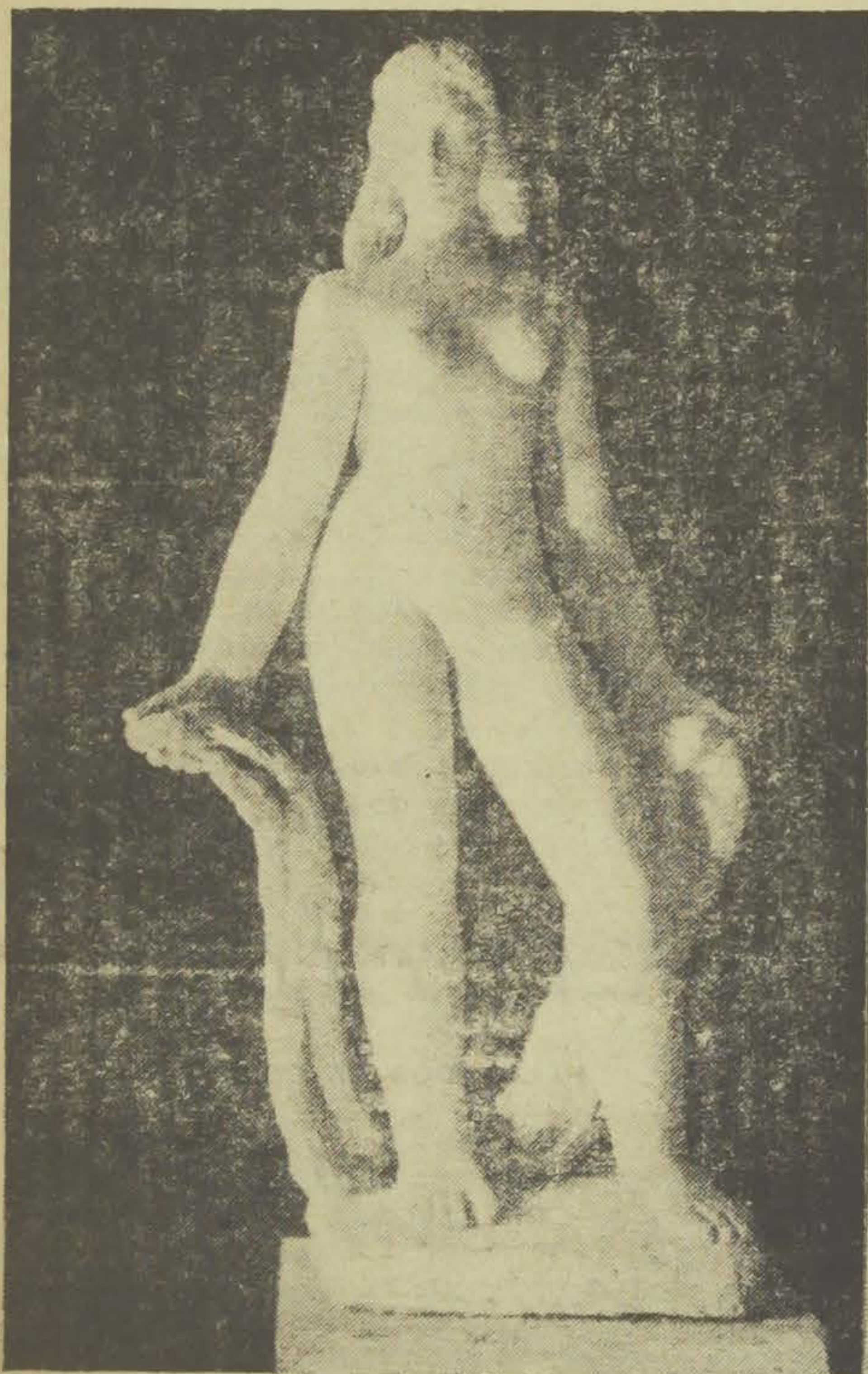
Dessas pobres mulheres que como

"Lenora tão nova
Tão nova e tão loura
Desgosto na face
Um filho no corpo
De pai navegante
Um filho sem nome
Só feito de angústia
Gerado na noite
Do frio abandono.

Promessa ela teve
De amor e assistência
Um lar bem tranquilo
Sem troca do corpo
Que ainda não fôra
Por outro habitado.

Há também uma profunda e expressiva significação moral na sua poética, contra tudo que aparentemente possa haver em contrário.

"O Suicídio", por exemplo, não é propriamente



MULHER — Escultura de Bruno Giorgi (Foto do Arquivo do Ministério da Educação)

morte do corpo. É pior que isso, é a morte da alma, a perda do espírito pelo pecado da carne, pelo "veneno das carnes" pelo mergulho nas formas do corpo".

É a irremediável perda da pureza, "sem mais a beleza que havia nas flôres", mergulhada "nas formas do corpo".

... nos louros cabelos".

É o sacrifício da inocência nos mistérios e venenos de Lenora

... "Tão nova e tão loura Parada na estrada

Fechando com o corpo Incertos caminhos"...
Dessa Lenora que atrás de si vai

... "Deixando a semente Da morte mais louca Jogada nos homens"...

E é por isso mesmo que depois de falar desse veneno e do mergulho naquelas formas e cabelos o poeta pergunta cheio de inquietação e sofrimento:

"Onde vai este meu barco De carne já tão cansada De carne tão mal tratada

Pelas terras do abandono?"

Não quero dizer que Guerra de Holanda seja integralmente ortodoxo. Há umas tantas liberdades que ele se permite sem muita preocupação. Por exemplo achar o rosto da sua Zulmira mais bela que uma "Missa Pontifical" é uma dessas liberdades que só os poetas podem ter...

Um leitor meio azêdo e pouco inclinado a paixões sentimentais e talvez careca, se volta com a fúria e paixão do poeta pelos cabelos da sua Zulmira que com uma bôa tesoura logo resolveria o problema.

Deus nos livre, porém, de ver em Guerra de Holanda somente essas liberdades e de adotar a opinião desses leitores azêdos e calvos.

O "Suicídio", "O Filho", "A Ladinha", "O Barista", etc., revelam um grande poeta. Um poeta que sabe transmitir ao seu ouvinte uma alta mensagem de sentimento, de beleza e de tragédia. E ele poderá muito bem responder ao leitor que não gosta do "O ROSTO":

"Se meu verso não deu certo, Seu ouvido que entenda!"

Artes Plásticas

CULTURA

Q. CAMPOFIORITO

ENTRE as publicações que exaltam a vida intelectual brasileira, "Cultura" é atualmente a revista que a objetiva em suas elevadas expressões. A extensão mais ampla do pensamento em nosso país se estampa nesse esplendido documentário que aparece sob a competente diligência de José Simeão Leal. É pois "Cultura" mais uma obra simplesmente útil do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde à frente do qual se encontra o prestigioso intelectual paranaense. Essa importante publicação quadrimestral, que se propõe à fixação dos momentosos problemas da cultura no Brasil e daqueles que no estrangeiro se processem e tenham aqui reflexos preponderantes, mereceu os aplausos surgidos dos setores mais autorizados. A modestia de nossa opinião nada poderá acrescentar a esta consagração que mereceu o trabalho soberbo de José Simeão Leal. Apenas desejamos poder informar o que aparece em "Cultura" sobre as artes plásticas e assim colaborar na informação aos que se interessam pelo assunto. "Panorama das Artes" é um retrospecto das atividades artísticas de

1948, feito com clareza e espírito de síntese por Mario Pedrosa. "Cultura" dá também guarida ao já conhecido trabalho de R. H. Wilenski, "A Árvore da pintura moderna". Desde a primeira vez que o vimos, pareceu-nos sempre imperfeito esse trabalho de classificação dos fatores de evolução da pintura atual. A árvore genealógica traçada por Wilenski tem vícios graves, não só no desenvolvimento das ramificações como nas raízes que igualmente estabelecem o apoio de Delacroix, Dauterive, David, Poussin, Ingres, Courbet e Corot. Percebe-se de pronto uma maneira errada de fixar as origens da

moderna, desde que engloba tão disparadamente elementos estranhos entre si, entre os quais positivamente David representa expressão negativa para o desenvolvimento que Wilenski aponta. É esse simplesmente um trabalho deficientíssimo ao qual se vai em prestando imerecido interesse. "Azulejos na Arquitetura Brasileira" é um trabalho excelente de Joaquim Cardoso. O A. estuda a importância desse elemento decorativo na nossa edificação colonial e aprecia o seu aproveitamento em várias construções modernas, em que a tradição ornamental do azulejo foi retomada com felicidade, como o belo pa-

lácio do Ministério da Educação e Saúde e a Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte, onde explode o espírito criador de Cândido Portinari que traçou os cartões, e aparece a capacidade do artífice nacional que não poupou os expressivos valores da técnica. "Cultura" nos oferece também o trabalho de Lucio Costa sobre "Ensino de Desenho", sem dúvida uma obra que supera tudo o que no assunto se tem escrito no Brasil. A par da crítica objetiva do que se realiza em matéria de ensino de desenho entre nós no setor do ensino secundário em que a opinião de Lucio Costa se mostra sem rodeios e bem fundamentada, o plano de um corretíssimo programa encontra deversas uma solução para fazer do desenho uma disciplina de aproveitamento integral com a contribuição simultânea e sistemática da técnica, da observação e da criação. Um trabalho este ao qual pensamos dedicar ainda uma apreciação mais demorada. Hoje queremos apenas destacar a contribuição da importante revista "Cultura" aos conhecimentos de ordem artística-plástica.

EXALTAÇÃO

HÉLIO DOS ANJOS

NOSTALGIA PROFUNDA INVADE A ALMA DESVARIADO, PENSAMENTOS... SOLIDÃO, REVOLVEM O "EU" SINISTRAMENTE COMO SE ALGO ESTIVESSE P'RA ACONTECER QUEM SABE O HORROR DE TUDO ISSO? SENÃO QUEM VIVE EM COMPANHIA DE SI MESMO SOFRENDO, AMANDO E VIVENDO. LUTANDO INUTILMENTE CONTRA O DESTINO?!

"Na Espadana Branca"

III CONGRESSO BRASILEIRO DE ESCRITORES

INSTALAR-SE-A' em setembro próximo na cidade de Salvador, Estado da Bahia, o III Congresso Brasileiro de Escritores.

Há muito entusiasmo em torno desse conclave, que reunirá intelectuais de todos os recantos do país.

É o primeiro congresso de escritores que se empreende no norte, estando à sua frente vários representantes da nova geração literária da Bahia, entre os quais os escritores Claudio Tullu Tavares e Adalmir da Cunha Miranda.

Não poderia ser melhor o local escolhido para a realização desse congresso, pois como sabemos, é a Bahia uma das províncias do país que mais tem se esforçado em prol da nossa cultura, formando ao lado de Pernambuco, Ceará e Pará, os três maiores centros literários do norte.

A julgar pelo entusiasmo de seus dirigentes esse conclave poderá solucionar

muitos dos nossos problemas culturais.

Sobretudo para o intelectual do norte, esse congresso é de grande significação. Muitas sugestões poderão ser apresentadas e muitos temas debatidos, dentro da maior harmonia e cordialidade, longe de qualquer espírito bairrista ou interesses políticos.

O norte, que vem assistindo atualmente a tantos empreendimentos artísticos, como sejam suplementos, revistas, congressos de poesias etc., naturalmente tudo fará para que o III Congresso Brasileiro de Escritores obtenha o maior êxito.

Desejamos que o "slogan" "SÃO OS DO NORTE QUE VÊM" seja uma realidade, e não, simples enfeite de capa de revistas.

Não é sem razão pois esse entusiasmo em torno de um congresso cujo objetivo é melhorar a situação de uma das classes mais desfavorecidas do país, em seus direitos e aspirações.

CARLOS ROMERO

"CORREIO DO SIRIGI"

DE Vicência, Pernambuco, recebemos o **CORREIO DO SIRIGI**, órgão literário e noticioso, dirigido pelo sr. Assis Pedrosa, tendo como redator chefe o sr. Aníbal Mota.

Endereço: praça da Bandeira, n.º 40, Vicência-Pernambuco.

ALBERT CAMUS:

A PROPOSITO da visita do escritor francês Albert Camus ao Recife, acontecimento este que vem despertando o mais franco interesse, o orientador deste suplemento recebeu a seguinte carta do adido cultural francês naquela capital:

"Acabo de receber um telegrama avisando-me que a viagem de Albert Camus ao Brasil, foi adiada por algumas semanas.

Estou aguardando informações mais detalhadas as quais comunicarei a V. S. assim que me for possível.

Apresentando minhas desculpas, e enviando um grande abraço.

Atenciosamente: LUCIEN POUESSEL".

ATIVIDADES DO CUP

O CENTRO DOS UNIVERSITÁRIOS DA PARAÍBA, segundo fomos informados, vai promover, nesta capital, o 1.º SALÃO DE ARTE MODERNA, além de um Congresso de

Poesia e uma série de conferências.

Estão programados para as próximas conferências os seguintes nomes: professores Guedes de Miranda, Pereira Lira, Roberto Lira, Hermes Lima e Pinto Ferreira.

Essas futuras realizações do CUP vem despertando o mais vivo entusiasmo em nossos centros culturais.

"A IDADE DA RAZÃO"

ESTE novo livro de Sartre, que acaba de ser traduzido para o português, vem constituindo um verdadeiro acontecimento editorial.

Lançado no Brasil pela IPE, **A IDADE DA RAZÃO** é uma das obras que mais reflete o espírito do discutido autor francês.

A tradução dessa obra foi confiada ao crítico Sergio Milliet.

DECLARAÇÕES DE PORTINARI

PORTINARI, em frente ao seu admirável painel sobre Tiradentes quase terminado, nos declarou outro dia: "Acusam-me de ser contrário à arte abstrata. Não o sou. Considero, tão só, o abstracionismo como um movimento superado, algo como o impressionismo, o cubismo ou o fauvismo. Sua influência, como a daqueles movimentos, foi benéfica mas passou. Fazer abstracionismo, hoje em dia, é tão anacrônico como fazer impressionismo. E ainda sobre abstracionismo: "Os pintores abstratos ao mesmo tempo que combatem o tema na pintura, trazem para justificação das suas teorias o exemplo da arquitetura. Esquecem-se, no entanto, que em arquitetura o tema fundamental, estritamente ligado a ela: chama-se programa. Seja essa, edifício público ou o que for, as necessidades impõem o programa e é esta a maneira de ser do conjunto arquitetônico".

CONGRESSO INTERNACIONAL DE CRITICOS DE ARTE

SÃO os seguintes os escritores brasileiros que representarão o nosso país no Congresso Internacional de Críticos de Arte, a realizar-se em Paris: Antonio Bento, Sergio Milliet, Mario Pires e Santa Rosa.

ORINEZ, LESSA NO CINEMA

O ROMANCE O FELJÃO E OSONHO, do escritor Orinezes Lessa, vai ser filmado. Duas empresas cinematográficas brasileiras estão interessadas na filmagem do interessante romance, que em recente reedição atingiu a tiragem de 40.000 exemplares.

A HISTORIA DA PARAÍBA

O GOVERNADOR DO ESTADO designou os presidentes da Academia Paraibana de Letras e do Instituto Histórico, juntamente com o diretor do Colégio Estadual, para indicarem uma pessoa idônea para escrever até 1951 a **HISTORIA DA PARAÍBA**, conforme dispõe a lei votada pela Assembleia, consignando um prêmio de 150 mil cruzeiros ao autor da obra.

"BANDO" N.º 5

Os novos escritores do Rio Grande do Norte continuam firmes na apresentação de sua revista **BANDO**, a qual já anda no 5.º número.

BANDO vai melhorando sensivelmente, quer na seleção de seus trabalhos quer na feição gráfica.

No número que temos em mãos, **BANDO** divulga trabalhos de Verissimo de Melo, Artur Ramos, F. Rodrigues Alves, Camara Cascudo e outros escritores e poetas.

Movimento Artístico de São Paulo

EM pouco menos de dois anos houve uma completa mudança no cenário artístico de São Paulo. Calcula-se uma cidade desfalcada de museu de arte, com duas ou três galerias expondo de acordo com os padrões do Salão Oficial, uma arte de rotina, acadêmica, sem parcela alguma de vitalidade. Isto é o que dominava o ambiente artístico plástico do Planalto, embora renhidos esforços dos artistas de vanguarda em manter o chamado São do Sindicato, além de uma ou outra exposição que redundava, geralmente em fracasso perante a opinião pública e desorientada. Entretanto, houve a certa altura alguém de coragem que se dispôs a expor em suas galerias somente os chamados "artistas modernos".

MUSEU DE ARTE

Depois, a 2 de outubro de 1947, graças a iniciativa dos Diários Associados, inaugurou-se num prédio na Rua 7 de Abril, 216, um quadrado o Museu de Arte. Foi uma obra de destemor e de profunda fé nas possibilidades da nossa



GUERRA

J. LEITE SOBRINHO

O NAVIO,
SINGRAVA OS MARES.
UM ESTAMPIDO ECOOU.
NAUFRAGOS E PEDAÇOS
[QUE FORAM GENTE,
CHEGAVAM A PRAIA.
OS MEDICOS CUIDAVAM
[DOS FERIDOS.
O COVEIRO,
SORRIA,
SATISFEITO,
COM OS PRESENTES QUE
[A IARA
LHE MANDARA.

terra. O Museu aparelha, do dentro dos princípios da mais moderna técnica museográfica fez logo um museu vivo, uma espécie de museu-escola, acolhendo estudantes, pessoas vindas de todas as cidades do Interior e de outros Estados. Diante das obras de artistas do gênio de um Rembrandt, de um Velásquez, Titorito, Goya, El Greco, Magnasco, Renoir e tantos outros, o público vem recebendo explicações, as telas passam a despertar outro interesse; assim, o museu, fugindo ao tradicional aspecto estático, passou a exercer uma ação direta na formação educativa do povo. Mas não parou aí a obra de divulgação artística daquela instituição. Foi organizada uma seção didática com oitenta e quatro painéis demonstrativos dos principais períodos da história da arte desde a pré-história até nossos dias; além disso, inúmeras conferências e cursos, gratuitos, de história das artes plásticas, de história da música, filosofia da arte, sociologia da arte, etc.

Também foram apresentadas várias exposições de caráter cultural: "Expressionistas alemães"; "Exposição de desenhos italianos contemporâneos", Alexandre Calder, Portinari, "Cerâmica do Nordeste", "Exposição do desenvolvimento das formas da cadeira", Flávio de Carvalho, Anita Malfatti, Roberto Sambonet, e tantas outras.

Não se limitou a organização a enquadrar em seu programa a chamada comunemente "arte antiga". Muito pelo contrário, promoveu colocar em relevo a arte contemporânea e dar elementos para que o público aequilatasse sua significação. Representa assim o Museu de Arte, pela orientação que vem adotando, um instrumento de preservação do indivíduo dentro forças para que esse mo-

pp soquejo no saioja pp cultura moderna.

O MUSEU DE ARTE MODERNA

Há pouco mais de três meses surge no mesmo prédio onde funciona o Museu de Arte, um outro museu graças ao grande desprendimento pessoal de um homem que vem em todas as oportunidades demonstrando ser o maior encorajador das artes na terra brasileira: Francisco Matarazo Sobrinho. A ele se deve a instalação do Museu de Arte Moderna que iniciou suas atividades com um amplo programa que vem se cumprindo dentro do maior rigor. Inaugurou-se no momento em que culminava a polêmica entre abstracionismo-figurativismo, com uma grande exposição internacional de arte abstrata. Depois, instalou-se a mostra de Diego de Rivera e atualmente a do pintor belga Van Rogger. O Museu de Arte Moderna vem também organizando inúmeras conferências, debates, mesas redondas, sessões de cinema, etc. Nesse curto espaço de tempo inscreveram-se mais de mil sócios o que permite ao Museu de Arte Moderna uma vida autônoma, cumprindo a sua orientação nitidamente cultural.

UM JORNAL E UMA ESCOLA

Essas conquistas no campo da divulgação e inventivo cultural não podiam deixar de trazer o maior benefício para os artistas que há muito lutavam com poucos recursos para manter a arte numa posição digna dos povos civilizados. Por isso, ante a visão esolada de homens como Assis Chateaubriand, Francisco Matarazo Sobrinho e tantos outros, os artistas de São Paulo emprestaram também o melhor de seus es-

vimento tomasse uma forma orgânica e realmente proveitosa. Assim organizaram o jornal "Artes Plásticas" que hoje já está em seu quarto número tendo em sua direção o crítico Ciro Mendes. Para a arrecadação de fundos para esse periódico todos os artistas de vanguarda de São Paulo ofereceram um de seus trabalhos que foi vendido em benefício. Cerca de 70 artistas remeteram obras, sendo que 80% foram adquiridos.

Outra contribuição dos artistas foi a instalação, recentemente, da Escola Livre de Artes Plásticas que funciona num palacete à Rua São Carlos do Pinhal, 700, sr. Francisco Matarazo Sobrinho. Essa escola mantém cursos permanentes de pintura, escultura, desenho e gravura, a cargo de renomados artistas, dentre os quais Aldo Bonadei, Alfredo Volpi, Victor Brecheret, Bruno Giorgi, Poty, Denilo di Prete, Waldemar da Costa, Nelson Nobrega, Waldemar Amarante, Galvez e outros. Mantém também cursos de "artes aplicadas", sendo que já se encontra em funcionamento o curso de publicidade.

A Escola já obteve de alguns industriais e empresas, bolsas de estudo para os jovens que manifestam a vocação para as artes plásticas, tenham franquia aos cursos.

São esses, em linhas finais, os principais empreendimentos que vêm beneficiar o desenvolvimento das artes em São Paulo e que totalmente tendem a se propagar em todo Brasil.

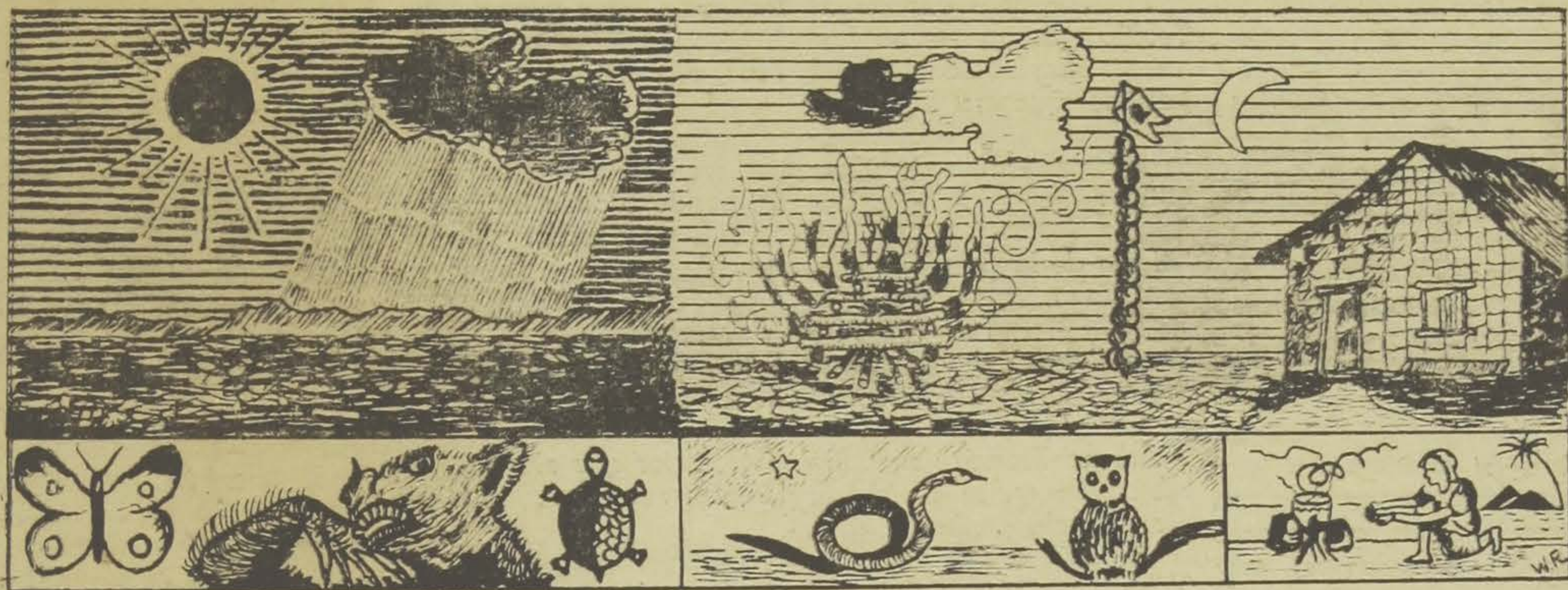
Quanto aos artistas de São Paulo, a Paraíba terá a ocasião de conhecer um grupo dos mais representativos e que figuram numa amostra a ser inaugurada brevemente, organizada pela Galeria Domus.

(Do correspondente)
São Paulo

EVOCAÇÕES

WALFREDO RODRIGUEZ — Da Sub-Comissão de Folclore na Paraíba

Ilustração do autor



NÃO é fora de propósito evocar aqui, algo do pensamento e do sentir dos naturais da Paraíba, quando findava o século XIX. Devo explicar, porém, que não se trata de um estudo aprofundado no setor das superstições, o que, para tanto, importaria num desvio da rota traçada.

São méras recordações daquilo que encontramos fazendo parte de uma coletividade, que não pudera fugir à fatalidade das influências marcantes dos antigos cultos trazidos pelos povos de algures, os primeiros que aqui aportaram.

Os versos e as sentenças usados pelos velhos curandeiros e benzedeiros, nas diferentes maneiras de curativos para os males do povo, que escutamos quando criança, estão atualmente quase todos incorporados ao nosso folclore.

Então nada sabíamos a respeito das tais fórmulas.

Depois chegou o tempo em que algo foi se formando em nosso espírito, quando assistimos uma preta velha benzendo uma espi-nheira caída...

E fomos lendo Rodrigues de Carvalho, o pioneiro da pesquisa folclórica, e Alcides

Bezerra ambos magníficos guias situados nesse campo, onde estudaram as influências à luz da ciência e da lógica, do modo de profetizar do nosso homem do povo.

A confirmação disso tivemos muito tempo depois, quando lemos Silvio Romero, Fernando Pires de Lima e Carlos Teixeira, estes dois últimos de Portugal.

Os naturais da Paraíba também tiveram os seus cultos e as suas superstições, assim como usavam a terapêutica nas suas moléstias de acordo com as derivantes de seus ritos.

NOGELI, da Universidade de Genova, afirmou: "Le Bresil est un pays jeune et nous y trouvons encore les aborigènes avec leurs descendants, les traces des Hollandais, les croyances importées par les négres; toutes les idées de ces différents peuples vont former peu à peu un amalgame, dans lequel il sera difficile de se retrouver".

Pois jovem, não resta dúvida que é um campo ainda fecundo de superstições.

Sondar os arcanos do futuro será ainda, pelos séculos em fora a preocupação do espírito humano.

E desde interesse do espírito é que provavelmente surge o profetismo; já disse alguém: "o profetismo é comum mesmo na vida espiritual, assim como a filosofia organiza as relações das coisas no espaço, aquele regulariza as relações dos acontecimentos no tempo. Estabelecida desde que existe um sentimento entre os sons expressos pela música, um sentimento harmonioso também entre as linhas traduzidas pela arquitetura, há também um sentido de conformidade entre os acontecimentos manifestado pelo profetismo, outrora tão cultivado pelos gregos.

A grandiosidade dos profetas de Israel, porém, já mais fora manifestada nos nossos brancos advinhos.

Para a nossa gente do norte, sofredora das calamidades das secas, a grande preocupação é o inverno do ano vindouro. Para saber se é rigoroso, escoco ou seco, executa diversas experiências — melhor chamadas profecias —, das quais a mais conhecida é a de Santa Luzia.

A noite deixam ao sereno seis pedacinhos de sal, representando da esquerda para a direita, os seis pri-

meiros meses chuvosos do ano.

Pela manhã saberão, com certeza, quais os meses chuvosos ou secos, de acordo com as pedrinhas de sal, dessolvidas ou não.

Quanta alegria quando amanheciam todas dessolvidas! Então o ano seria invernos.

Existe outra variante, conhecida como muito boa: O dia de Santa Luzia, ou melhor treze de dezembro é representado pelo mês de janeiro, o dia 14 será fevereiro, o 15 fielmente representa março, e dessa forma cada dia até 19, de acordo com a meteorologia cabocla, será um mês.

Se chover ou mesmo neblinar nos dias 13, 15 e 15, etc., haverá bom inverno nos meses que aqueles números representam.

Em Portugal, segundo os abalisados folcloristas existe — Parecido a essa última experiência, — a dos primeiros sete dias do mês de janeiro, e também há uma outra que se faz pelos festejos de São João, pon-do-se doze pedras de sal sobre uma táboa que passa pelo fogo das fogueiras em honra àquela querido apos-tolo.

Em todos esses experimentos levados a efeito;

quer em Portugal quer no nordeste do Brasil, recordamos que são são praticados durante os solstícios.

Provavelmente, são por isto, superstições solares, resquícios do culto solar dos Ligures, os habitantes que cruzaram a Europa em época remota.

Conhece ainda o sertanejo paraibano e também o brejeiro, a experiência do dia 22 de cada mês, que não falha conforme o pensar daqueles supersticiosos. Se nesse dia chover, o mês seguinte será chuvoso. Mais será preciso, que a pessoa tenha jejuado ao fazer a experiência. Já Euclides da Cunha o mestre do estilo nos fala em "Os Sertões", sobre a verificação por meios de higrometros biazarros, da secura dos ares através de cadáveres mumificados pelos sol havia dois meses.

Os nossos conterrâneos de além Borburema também têm os seus higrometros: As tanajuras e as formigas pretas. Quando estas carregam os filhos e aquelas abandonam os formigueiros voando sem destino, anunciam chuva.

O dia 2 (dois) de fevereiro é a véspera da Senhora da Luz ou das Candeias. É a Candelaria dos Espanhois.

Teófilo Braga, no seu livro "O Povo Português", diz que a festa da Senhora das Candeias, celebrada a três de fevereiro é uma corrutela da festa Romana da Deusa Februa.

Assevera ainda que a Candelaria é comum a todo ocidente, considerando-a como período de observação meteorológica nos clássicos provérbios:

"Se a Senhora da Luz cho-
[rir,

Está o inverno a acabar,
Se a Senhora da Luz rir,
Está o inverno para vir".

Na Italia na província da Toscana, citam este mesmo provérbio:

"Se piove o nevica per la
[Candelora
Dell'inverno siamo fora
Se é sole, o solicello

Siamo in mezzo al verno".

Ainda este outro conha-
cido em toda Lucania:

"Cielo a pecorella
Laqua a fontanella"

Fomos encontrar também para reforçar a citação de Teófilo Braga — no Linguajar simples do meu avô paterno, que era originário da extremadura Hespanhola e aqui se fixara, o seguinte:

"El dia de la Candelóra,
Que llova, que no llova,
[Inverno fóra
Y se llova Y hace vento
[Inverno dentro"

Até na França segundo Max Muller, se escuta dizer naquele período:

"L'hiver se passe ou pren-
[de vigueur".

Lembro ainda ALCIDES BEZERRA, o culto beneditino dos alfarrabios Paraibanos, fonte onde bebemos algo para estas evocações, citando EMILIO BOSSI e EMILIO BORNOUF, nos falar sobre os estudos daqueles sobre a cristianização dos deuses Pagãos e diz que Santa Luzia é a personificação da festa da Luz do politeísmo.

Em consequência da intensa colonização fenícia no velho Portugal, cuja prática do culto Solar juntamente com o culto Lunar, resultaria existirem vários reminiscências em muitas das nossa superstições.

Quem da nossa geração não se lembra da saudade à Lua feita na meninice?

"Deus vos salve Lua Noval
Ha dias que vos não via!

Quatro coisas quero vos
[pedir
Que me livreis:

De dor de Dentes,
De fogos ardentes,
De rios correntes,
E da lingua de má gente".

E esta outra:

"Salve Dindinha Lua
Me dê pão com fartinha,
Para dá a minha galinha,

Que esta presa na conzi-
lnha".

Era comum nos bons tempos as mães apresentarem a criança à Lua recitando esta oração:

"Lua, com o teu crescer,
Lua, com o teu minguar,
Não me tomeis este menino,
Mas, ajudai-me a criar".

Quem tinha uma íngua, cortava-a olhando a Estrela, pondo o dedo indicador na intumescencia, dizendo:

"Estrela!
Esta íngua diz.
Que é maior do que vos!
Eu digo que vós,
Sois maior que ela
Crescei vós e minguai ela".

Existiam diversos meios herança dos nossos maiores, de se curar dor de dentes sem as despesas inúteis com o barbeiro. Usavam o palito de osso de sopo cururú, a milagrosa oração de Santa Apolonia, e, ainda, certos indivíduos no interior usavam com grande resultado, o dente de defunto! O dente que doia era esgravatado com o de defunto que adrede se tinha em casa. Então, a dor, por maior que fosse passava milagrosamente... pela sugestão. Para se tirar qualquer argueiro dos olhos, em quanto se passava o polegar no sobranceiro ia se rezando com toda a fé:

"Corre, Corre cavalheiro,
Vai na Porta de São Pedro,
Dizer a Santa Luzia,
Que venha tirar este argueiro,
[queiro,
Com a ponta do seu lenço".

Para solução era magnífica a fórmula: Tomando cinco goles d'água ia-se fazendo:

"Bebo as cinco chagas
De nosso Senhor Jesus
[Cristo".

Ou então:

"Solução vai
Solução vem,
Para cima
De quem me quer bem".

Maneira economica, pratica e facil era a usada para a cura do cobreiro. Com uns canudos de carrapateira — Mamona — cortava-se a molestia perguntando ao doente:

"Que corta?"

E o doente respondia:

"Cobreiro brado".

Rezando então a benzedeira ou o curandeiro:

"Cobreiro Brado,
Corto a cabeça,
E o rabo".

Aliás este processo da cura de cobreiro é remotíssimo, existiam variantes usados pelos Lusitanos quando aqui aportaram.

Na fórmula de como se curava a hemorragia uterina havia o estribilho:

"Tintim ou Dimdim"

Talvez uma invocação à divindade accadica Dingir.

Não é sem fundamento a nossa afirmação, porque outros estudiosos do assunto já verificaram que em Portugal e entre nós abundam restos dos antigos cultos accadicos que os Fenícios por sua vez para lá trouxeram.

SILVIO ROMERO quando coligiu varios brinquedos infantis, em Pernambuco e Sergipe, o que era comum entre nós encontrou Dingir na corrutela de

"Dinalin"

E assim temos:

"Dinglin, Dingles,
Maria Pires?
Dinglin, Dingles,
Estou fazendo Papa,
Dinalin, Dingles,
Para quem?
Dinglin, Dingles,
Para João Manoel

Para a cura da azia era a formula mais usada:

"Santa Sofia
Tinha três lilhas
Uma costia
Uma bordava,

PERGUNTAS

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

EM CERTA hora fria
Perguntei ao fantasma
Que força nos prendia,
Ele a mim, que presumo
Estar livre de tudo,
Eu a ele, gasoso,
Todavia palpável
Na sombra que projeta
Sobre meu ser inteiro;
Um ao outro, cativos
Dêsse mesmo princípio
Ou dêsse mesmo enigma
Que distrai e reúne
Ou converge e matiza
E prolonga no espaço
Uma angústia do tempo.

Perguntei-lhe em seguida
O segredo de nosso
Convívio e a razão
De estarmos ali quêdos,
Eu diante do espelho
E o espelho devolvendo
Uma imagem diversa
E parecida sempre
Com o primeiro retrato

Que compõe de si mesma
A alma predestinada
A um tipo de aventura
Terrestre e cotidiana.

Perguntei-lhe depois
Porque assim insistia
Nos mares mais exíguos
Em passear navios
De calado irreal,
Sem rota ou pensamento
De atingir qualquer pôrto,
Propício ao naufrágio
Mais que à navegação,
Nos sécos alcantis
De meu sêrro natal
Há muito derruido
Em acordar memórias
De vaqueiros e vozes,
Magras rêses, caminhos
Onde a bosta de vaca

E' unico ornamento,
E o coqueiro-de-espinho
Desolado se alveia.

Perguntei-lhe por fim
A razão sem razão
De me inclinar aflito
Sobre restos de restos,
De onde nenhum alento
Vem refrescar a febre
Dêste repensamento;
Sobre um chão de ruínas
Imóveis, militares
Na sua rigidez
Que o orvalho matutino
Já não banha ou conforta.

No vôo que destere
Silente e circunspecto
Rumo da eternidade,
Ele apenas responde
(Se acaso é responder
A mistérios, somar
Um mistério mais alto):

AMAR, DEPOIS DE PERDER.

Outra curava,
Mal de azia".

Os últimos vestígios de sistemas culturais estão encerrados muitas vezes nas parlendas infantis.

EUGENIO ROLIAND já afirmou subsistirem nas parlendas que se contém nos jogos das crianças, os antigos cultos esconjuratórios. Inúmeras vezes ouvi mos citações sobre o *Tangro Mangro*, mais esta divindade esta quasi morta. Poucas vezes encontramos referencias nas cantigas que o velho Portugal nos mandou; somente na antiga canção popular portuguesa ainda algures se repetem:

"Nasceram dez meninas,
Metidas dentro de um tole,
Deu-lhe o Tangro Mangro
[nelas,
Não ficaram sinão nove."

E assim dessa maneira, nos versos *Tangro Mangro* vai morando uma a uma até a ultima da geração, que, acabou em fumaça...

Voltando a recordar o variado modo da medicina popular, me lembro da minha querida Bá, a preta d' Angola que acompanhou os passos do galego Hespanhol, meu bisavô paterno, ANTONIO RODRIGUEZ. Certa vez, levado por sua

mão, tive que botar o anular da mão direita no buraco da tranca no portal da nossa casa e repetir o que ela dizia, três vezes:

"Nunca vi unheiro verde,
No buraco da parede".

Superstições, medicina caseira, credices ou coisas tais o certo é que dias depois estava sarado.

No periodo da denticção o sistema empregado é o seguinte: Atava-se o dente cariado ou mole com um pedaço de linha forte, depois de um puxavante logo estaria fora aquele pedacinho de osso que tantas veze era motivo da nossa angustia noturna.

Com a satisfação da saída daquele intruso se completava a cura jogando-o no telhado, dizendo:

"Mourão, Mourão,
Toma teu dente podre.
Dê cá o meu são".

De recordação em recordação, chega-nos à lembrança o presado mestre CORIOLANO DE MEDEIROS dizendo algo sobre as superstições solares e que o lobishomem era um mito solar comum a toda a Europa.

"O lobishomem, entre nós se confunde com o caipora. O lobishomem tem,

se a crença de ser sempre um individuo escomungado pelos pais, ou algum padrinho. Pelo fato da maldição, tem instinto de tornar-se animal: principia por segregar-se da sociedade, até que num dia de sexta-feira, a meia noite, vai na encruzilhada dum caminho, semea o solo de cascas de carangueijo, tira a camisa, dá um nó em cada ponta, estende-a por sobre os restos dos crustáceos, formando um leito e começa-se a cambalhotar sobre ele murmurando: encoura mas não enxucha diabo? e a proporcção que vai repetindo o estribilho a voz vai se tornando átona, o corpo cobre-se de pelos compridos, as orelhas crescem, a cara se alonga tomando a forma da do morcego, as unhas de transformam em garras. Uma vez metamorfozeado sai a correr mundo, e suga o sangue de todo menino pagão que encontra e na hora deste ataca qualquer individuo. Mas tem medo terrível do xuçó e na casa que tem esta antiga arma, lobishomem não vai.

As três de madrugada, quando o galo canta, o lobishomem volta à primitiva forma".

Relembro ainda, ALCIDES BEZERRA, que nos falava sobre os sonhos.

Na nossa cidade, antes do aparecimento do Jogo de Bichos, havia um bom numero de credices sobre os sonhos.

De modo que, quando alguém sonhava arrancando dentes era morte na família; com cobra, prisão.

Durante um sonho, sendo vistas pessoas de preto, era interro de parentes, assim como sonhar com ovos era enrêdo...

Depois, porém, da invenção do infeliz Barão de Drummond que se firmou nos hábitos sociais do Brasileiro, quem sonha com dente joga no jacaré; com cobra, na mesma cobra; com pessoa de luto, no porco; com ovos, no galo e avestruz.

Generalizada era a crença de que a antiga moeda de cobre de vinte reis, desaparecida da circulação, pois que a ultima emissão do governo data do ano de 1912, teria a virtude de chamar dinheiro.

Aquele vintem, *xenxen*, era por isso conservado na carteira por muita gente. De maneira que, um povo não se desaprega facilmente das influências atávicas dos seus maiores. E a consequencia lógica é que, ainda atualmente muitas das outras se encontram servindo de mascote, nas recheiadas carteiras de nossos conterrâneos.

BALADA DO BAILE DE CARNAVAL

JOSÉ SARNEY

O RITMO avança
Com fúria e ódio
dentro das veias
E vai no sangue
Fazendo a alma
Desejo e bola.

A negra pele
Do negro vem
E o cheiro invade
Os entre corpos.
As fontes nascem
Dos sujos poros
E os esporos
De alegria
Soltas no ar,
Anulam a tristeza
E a alma em breve
Esquece o Congo,
A mulher e os filhos,
A língua e o bucho,
E o novo comício
Do amor liberto
Sem nome e terra
Avança histerico
Ao quente som
Da banda de jazz.

Doutor não tem
E ninguém quer ser
Todos são homens
Atraz de mulheres

Que tomem absinto
Que cheiram rodô
Que deixem os peitos
Pularem livres
Que deixem os corpos
Botar os sexos
Na enturgescência
dos outros sexos.

Aguentem os corpos,
Arranquem as caras,

Que a noite avança
Levando o cheiro
De ar abafado
Dos corpos leves
Do Povo livre
Que é próprio
Por um momento
Sem dor nem mágoa,
Só flor e sexo
Arremeçado
Pelo quente som
Da banda de jazz.

REFUGIO TRANQUILO

COM este sugestivo título, acaba de ser traduzido para o português mais uma obra de Pearl S. Buck.

Trata-se da história de uma escrava da China de há cem anos atrás. Pearl S. Buck já escreveu 21 livros sobre a China, tendo seus romances sido traduzidos em 27 países.

O LIVRO DO MÊS escolheu-o para seleção de junho último.

Poema em Prosa de Paulo Sergio

A janela estava aberta. Para que, não sei...
MANUEL BANDEIRA

S O M B R A S

DA JANELA aberta subiam os miasmas do tédio. Havia uma tremenda angústia que ameaçava se apossar de tudo e que, como a estíngie mitológica, nos devoraria a todos. Não tentamos decifrá-la. Sabíamos ser inútil e que, uma vez vencido o prazo, a vida nos pesaria a todos por igual. De nada adiantaria deixar de contemplar as nuvens e fechar a janela era impossível.

Nossos peitos se apertaram angustiados e nossos olhos procuraram-se uns aos outros temendo não mais se encontrarem. A chave da luz era lá longe e todos nós sabíamos que ela nunca funcionaria. Assim mesmo os mais desesperados foram. Correram com dificuldade e a ela se apegaram gritando enquanto outros mais práticos riscavam fósforos efêmeros. Mas nada impediu que a noite se fechasse por igual e que a impalpável escuridão nos envolvesse a todos enquanto esperávamos com ansiedade o romper de uma hipotética aurora boreal.

lo menos preservou de destino menos nobre a sede da celebre Companhia de Comercio Paraíba e Pernambuco, criação do marquês de Pombal, que monopolizava o tráfego mercantil de toda região, numa primeira tentativa de comércio dirigido.

Possivelmente a escada que dá acesso ao primeiro andar é contemporânea da construção, mas presentemente tão alterada está nas suas linhas que dificilmente se pode identificar com a idade que deve ter.

A ansia modernizada que empolgou os edis metropolitanos, a partir do governo Camilo de Holanda, deixou em nossas ruas poucos vestígios da arquitetura tipicamente colonial, no que tinha ela de mais característico. Até a última casa de beira e bica que ainda existia na

A FISIONOMIA DA CIDADE

(Conclusão da última página)

rua Visconde de Pelotas acabava de desaparecer com o alargamento dessa via pública. Era talvez o último espécimen da típica moradia dos dias da Colônia, o telhado avançando sobre o passeio incumbido do mesmo papel que nas construções modernas desempenham as largas marquizes estilizadas, uma única janela e porta na face lisa da fachada de dez metros.

Era sem dúvida um desgracioso e aberrante do bom gosto mas valia como amostra do conceito da moradia predominante na época da conquista e da colonização. Longe de mim lamentar a demolição da quele aleijão. Só incidemente cito o caso para ilustrar as considerações

que venho expendendo sobre a modificação radical da fisionomia da nossa capital, com o desaparecimento dos últimos vestígios da arquitetura colonial, que se aqui não se expandiu, deixou, contudo exemplares perfeitamente estilizados que a inconoclastia dos prefeitos dos últimos anos de mãos dadas a ignorância dos proprietários, varreu inconscientemente que destruiu um patrimônio artístico irre recuperável.

Os cronistas das cidades sabem interpretar a linguagem muda dos velhos prédios, penetrando os segredos que conservam através das gerações. Esta cidade nunca possuiu um apaixonado das suas tradições e dos seus mistérios, animado do espírito de pesquisa

e interpretação dos segredos que ainda se escondem nas ressonâncias dos recintos onde se passaram tantos acontecimentos importantes, onde se deram episódios sentimentais de tanta grandeza, ou que foram testemunhas impassíveis de angústias ou de horas de euforia.

São cousas que a inteligência a serviço da paixão de pesquisar e perquirir, encontra meios de revelar, revestidas na roupagem da legenda criada pela imaginação, como Mario Sette tem sabido fazer com relação a Recife, numa série de livros que nos transporta ao ambiente das eras embalsamadas na saudade.

Na verdade, não temos um cronista dessa envergadura, mas as vocações não faltam. Resta que se manifestem.

A Província, Essa Esquecida

LOPES DE ANDRADE

(CONCLUSÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

Sabemos que o movimento romântico no Brasil produziu notáveis poetas e romancistas, como os dois Gonçalves: Magalhães e Dias, Alvares de Azevedo, Fagundes Varela, Castro Alves ou Casemiro de Abreu entre os poetas; José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo, Bernardo Guimarães, Franklin Távora ou Esdras Pinheiro Taunay entre os romancistas.

Mas, sabemos igualmente que o Romantismo brasileiro somente produziu um grande historiador, que foi o paulista Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro.

Ao nome do Visconde de Porto Seguro, entretanto, pode-se sem muita ênfase, acrescentar o de João Francisco Lisboa, o maranhense ilustre que, não tendo sido propriamente um historiador, versou, contudo, vários temas de história com raro brilho e apurado gosto estético em seu "Jornal de Timon" e no ensaio biográfico "A Vida do Padre Antonio Vieira".

E ainda são dignos de registro, no período romântico, Alexandre José de Melo Moraes, alagôano de brilhante ilustração, cujos trabalhos de divulgação dos nossos arquivos históricos se tornaram notáveis pela inteligência superior com que os pesquisou e comentava; e Joaquim Caetano da Silva, médico gaúcho, que se notabilizou pelos seus estudos sobre a história das nossas questões de limite do Amazônias.

De um dos livros de Joaquim Caetano, o Imperador Pedro II chegaria a dizer que "valia por um exército de 200 mil homens na fronteira", tal a importância de seus escritos para o esclarecimento e limites do Amazônias.

Todos estes autores foram autores da Corte, ou a quem a Corte atraiu e deu-lhes posição de destaque, proporcionando-lhes todas as oportunidades de que suas inteligências necessitavam para poder se expandir.

Maximiano Machado, porém, seria, durante toda sua vida, um autor eminentemente de Província.

Varnhagen nasceria em uma Província — São Paulo — mas logo iria morar na Europa, de onde só regressaria ao Brasil para receber no Rio de Janeiro um cargo diplomático e, de novo, voltar ao estrangeiro, onde viria a falecer.

João Francisco Lisboa, como o nosso Maximiano Machado, era um grande apaixonado de sua Província — o Maranhão — e nela formou seu espírito. Mas, ao contrário do nosso Maximiano, o autor do "Jornal de Timon" cedo foi atraído pela Corte e para lá se mudou, não mais regressando à Província. No Rio de Janeiro foi incumbido pelo Governo Imperial de investigar subsídios e documentos sobre a História do Brasil em Portugal, aí permanecendo até seu falecimento.

E Melo Moraes e Joaquim Caetano, ambos provincianos de nascimento, não fugiram à regra fatal da emigração para o Rio de Janeiro, onde o primeiro passaria a residir dos meados de século XIX até sua morte; e o segundo, que havia saído diretamente de sua Província — o Rio Grande do Sul — para estudar em Paris e Montpellier, chegaria à Corte em 1837 duclamente doutorado em direito e medicina, aí recebendo honrarias e obtendo facilidades, para seus estudos históricos, até vir a falecer na prolesta idade de 63 anos.

Estas foram, em resumo, as trajetórias percorridas pelos quatro maiores historiadores nacionais, que viveram na mesma época em que vivia o nosso Maximiano Lopes Machado. Todas brilhantes e pontilhadas de sucessos.

Somente a trajetória percorrida pelo velho Maximiano, como vimos há pouco, foi aquele quasi obscuro, errar de uma Cidade do interior para outra Cidade do interior, ora desempenhando humildes funções de magistrado ou advogado municipal, ora alteando-se

um pouco até a tribuna das Assembleias Provinciais da Paraíba e Pernambuco.

Ignoramos se foi alguma vez atraído pelo Rio de Janeiro, e recusou-se a ir para lá. E' bem possível que sim, pois que, no prefácio que escreveu para sua "História da Província da Paraíba" deixa entrever-nos os margos ressentimentos, que trêm disposições de espírito fundamentalmente anti-metropolitanas.

No velho Maximiano não é raro surpreendermos atitudes de revolta e constatações dolorosas, semelhantes aquela com que Silvio Romero inicia o estudo dos valores nortistas, no capítulo I, do Tomo quarto, de sua "História da Literatura Brasileira" (edição José Olimpio Editora, Rio, 1943):

"Nós aqui temos destas singularidades: excetuando os políticos, que logram ser deputados ou senadores e se instalam de quando em vez ou perpetuamente no Rio de Janeiro, os talentos das Províncias ficam condenados ao olvido, especialmente os das Províncias, hoje Estados, do Norte".

Além dos historiadores já citados, que foram de sua mesma geração, Maximiano Machado conviveu em Recife com os "novos" da época, que eram então os "evolucionistas", da escola de Tobias Barrêto, Silvio Romero, Martins Junior, Clovis Bevilacqua Castro Alves e outros.

Porém, homem da geração anterior e de espírito positivo, antes voltado para a solidéz do conhecimento científico do que para as magnificências da arte, o dr. Maximiano Machado pouca ou nenhuma atuação teve o lado dos corifeus da "escola do Recife".

Ele tinha nascido nos comêços do século XIX, mas haveria de permanecer, intelectualmente, até à morte, um homem do século XVIII, o século da "Filosofia da História", das grandes e brilhantes generalizações, da Estatística e da Economia Política.

Não foi, contudo, impermeável às influências novas; ao contrário: guardando embora fidelidade aos altos princípios hauridos nos seus mestres intelectuais do século XVIII, desde Vico e Montesquieu até Herder e Condorcet, com suas leis do progresso, Maximiano Machado assimilou, sem relutância, quasi toda a ciência histórica do século em que vivia, a sociologia spenceriana e grande parte da sociologia de Comte., assim como as novas doutrinas políticas, que nos vinham da América do Norte.

Com a nova geração dos "evolucionistas", o erudito paraibano foi ainda abolicionista e republicano, o que lhe revela o talento versátil e a suprema capacidade de sobrepôr-se aos preconceitos de sua época.

Só um motivo existe — terrível e todo-poderoso motivo, aliás — pelo qual Maximiano Lopes Machado não figura hoje, com destaque, entre os grandes historiadores brasileiros de seu tempo: foi o ter ele nascido na Província e não a ter repudiado pela Metrópole!

Silvio Romero expressa admiravelmente esta verdade quando, apostrofando a crítica cortezã, exclusivista elouvaminheira somente quando se tratava de autores cortezões, nos diz, naquele seu estilo arrebatado e personzíssimo:

"O ódio que me vota é em grande parte oriundo da justia que tenho ousado fazer a ilustre escritôres de província que ela, a crítica mesquinha, quizerá sempre conservar em completa obscuridade, e não pôde; porque eu não deixei!" ("História da Lt. Bras.", Tomo Quarto, pag. 135, citada).

Realmente, aqueles sobre quem o crítico ilustre e combativo volveu as suas vistas geniais — e ele, em geral, só as volveia sobre o provinciano que, além de erudito, tinha ainda talentos de poeta ou romancista — não foram esquecidos e lograram sair, afinal, da obscuridade.

Mas, os que não tiveram essa sorte porque, como o velho Maximiano, não foram poetas, nem romancistas, porém simples eruditos de província, simples patriotas e homens de alta cultura, estes nenhuma mão lhes foi estendida, e eles tiveram que mergulhar, com a sua erudição e o seu patriotismo, no fundo do mais negro olvido!

x x x

Langlois Seignobos começa seu livro célebre, "Introdução aos Estudos Históricos", obra precisamente resultante dos esforços daqueles dois autores para "informar aos estudantes da Sorbone do que são e do que devem ser os estudos históricos", com estas palavras magistrais:

"A história se faz com documentos. Documentos são os traços que deixaram os pensamentos e os atos dos homens do passado. Entre os pensamentos e os atos dos homens do passado. Entre os pensamentos e os atos dos homens, poucos há que deixam traços visíveis e estes, quando se produzem, raramente perduram: basta um acidente para os apagar. — Ora, qualquer pensamento ou ato que não deixou traços, diretos ou indiretos, ou cujos traços visíveis desapareceram, está perdido para a história: é como se nunca houvesse existido. Por falta de documentos, a história de enormes períodos do passado da humanidade ficará para sempre desconhecida. "Porque nada supre os documentos: onde não há documentos não há história". ("Introdução aos Estudos Históricos", pg. 15, São Paulo 1946).

O dr. Maximiano Lopes Machado foi o primeiro historiador a contar a história da nossa Província empregando, para isso, uma abundante massa de documentos, isto é, de traços visíveis dos pensamentos e atos dos homens do nosso passado; daí a honra que lhe é conferida de ser o fundador da história escrita da Paraíba.

Ireneu Joffily escreveria e publicaria suas "Notas sobre a Paraíba" antes que Maximiano Machado pudesse dar à luz sua "História da Província da Paraíba"; porém a glória de fundar a nossa História continuaria reservada, mesmo depois da publicação das "Notas", a Maximiano Machado, até que ele nos desse, afinal, o compacto e firme monumento de erudição e crítica da nossa sociedade pre-e-post-colonial, que é seu notável livro.

Joffily nos trazia uma série de impressões pessoais, muito cegas e inteligentes, de meio-geógrafo e turista da história do nosso Estado, mas Maximiano nos trazia, ainda que um tanto desgraciosamente, as linhas mestras de sua evolução histórica, os caminhos fundamentais por onde o nosso povo vem marchando através de quatro séculos de História.

Esta a qualidade máxima, intrínseca, de sua obra, a que faz superar a obra de todos os seus compatriotas da mesma época, dando-lhe, ademais, uma expressão nacional. Depois dela, a estrada ficaria aberta por onde haveriam de seguir os novos pesquisadores, espíritos apaixonados e brilhantes, como o de Coriolano Medeiros, Irineu Pinto, João Lira Tavares e tantos outros.

Há uma verdade, contudo, que se torna necessária, desde logo, lembrar: o simples conhecimento, ou o simples uso do documento, não faz por si mesmo o historiador. Este é obra, sobretudo, de seu próprio esforço empregado na análise e interpretação dos documentos.

A História é, de todas as ciências conhecidas, com exceção apenas da Geologia, a única que não lida diretamente com os fatos, mas com os traços que perduraram destes fatos — com os seus "documentos", portanto.

Com efeito, não conhecemos os fatos históricos, senão por uns poucos traços que deles nos restaram: ou materializados num objeto qualquer, ou contidos numa descrição escrita a seu respeito.

Tomemos, por exemplo, o caso do topônimo "Ba-

lia da Traição", nome pelo qual ainda hoje responde um dos acidentes da Geografia paraibana.

Há quatro fatos históricos, de onde se fez derivar aquela denominação: I) a primeira expedição ao Brasil em 1501, logo depois do Descobrimento, comandada por Américo Vesputi; II) o naufrágio onde pereceu o Bispo Fernandes Sardinha; III) um episódio da luta para a expulsão dos franceses da Paraíba, onde estes teriam sido derrotados pelo comandante português Frutuoso Barbosa; e finalmente o IV) a morte, ali, de dois Religiosos Franciscanos e alguns portugueses que, em 1503, teriam sido atraídos pelos indígenas, a quem vinham aldeando naquele lugar.

De todos estes fatos históricos, é claro, não temos nenhum conhecimento direto, pois que aconteceram todos no século XVI. Temos, no entanto, vários documentos que os comprovam, isto é, restam-nos traços diversos, que atestam a existência de cada um daqueles fatos, situando-os num espaço e tempo determinados.

A análise histórica poderia, desde já, incidir diretamente sobre cada um dos documentos existentes a respeito daqueles quatro fatos, porém, de modo nenhum, poderia incidir diretamente sobre os próprios fatos, a que os documentos se reportam.

E neste ponto, precisamente, que começa o verdadeiro trabalho do historiador.

Toda a pesquisa da verdade comporia uma tarefa exaustiva e apaixonante, apesar da aridez de que se reveste. Colhidos os documentos de que se necessita para o conhecimento dos fatos que se vai estudar; feitos, em seguida, os primeiros trabalhos de crítica externa e interna dos documentos colhidos — começa-se então o absorvente trabalho de elaboração histórica, a autêntica e pessoalíssima operação do historiador que, daqui por diante, terá de depender, só e exclusivamente, de si mesmo, de seus próprios jogos de logística, a é atingir a um resultado tal que, por meio de séries sucessivas de raciocínios, o que eram antes simples traços, mesmo imperfeitos ou defeituosos, de um fato desaparecido no tempo e no espaço, volte de chofre a aparecer, diante da inteligência humana, pleno de toda a verdade possível, quase como um milagre, ou uma mágica, que resultasse indiretamente do emprego dos métodos do conhecimento científico.

A "História da Província da Paraíba", é um produto desta natureza e categoria. Pela riqueza dos elementos de que se compõe e a qualidade dos esforços intelectuais de que se originou, ela inegavelmente participa do pequeno número de obras fundamentais da inteligência e da cultura do nosso povo, sobretudo se a considerarmos em relação ao tempo, em que foi escrita, e às demais obras nesse tempo publicadas. Lamentável é que seja, ainda hoje, uma ilustre desconhecida no cenário nacional da nossa literatura!

O dr. Maximiano Lopes Machado não foi um erudito provinciano comum, um pitoresco e pavoroso cronista do interior. Foi um filósofo da História com todas as pretensões e rasgos grandiloquentes, que distinguem essa espécie de estudiosos, precursôres da moderna sociologia científica e de que o século XIX se rio ainda tão pródigo no seu início.

Montesquieu, com o seu "Espírito das Leis" e Vico, com os seus "Princípios de uma Ciência Nova", fundavam, na Europa, a Filosofia da História pelos meados do século XVIII, mas os reflexos de seus estudos somente viriam chegar ao Brasil dos começos até meados do século XIX.

Maximiano Machado, em sua época, fora dos poucos brasileiros a assimilar esses estudos, e isto é tanto mais notável quanto sabemos que os assimilou sem jamais ter saído de sua Província, senão para se fixar em Pernambuco, outra Província, o capítulo que ele, revolucionariamente, para aquela época, introduziu na "História da Província da Paraíba", sobre a etnografia dos indígenas paraibanos, revelando-nos, nitidamente, essa influência através da expressa orientação de filosofia da história, que suas ideias apresentam.

A quasi ninguém parece ocorrer mais, hoje em dia, que, ao tempo em que o dr. Maximiano Machado escrevia sua "História da Província da Paraíba", nada havia ainda de científico escrito, por autor brasileiro, sobre a história do Brasil. Excetuando-se, como atrás já dissemos, a "História Geral", de Varnhagen, que aparecia justamente nessa época, os estudos de Melo Moraes e Joaquim Caetano, e o "Jornal de Timon", de João Francisco Lisboa, tudo mais eram parolagens, simples crônicas, ou informações mais ou menos valiosas, mas que não mereciam a denominação austera de História.

Sobre numerosos aspectos, precisamos ter isso sempre em mente, o dr. Maximiano foi dos primeiros autores a versar os estudos históricos no Brasil com um claro sentido científico, o que o coloca desde logo ao lado dos mais distinguidos historiadores de sua época, afastando-o da maioria de seus contemporâneos confundidos, quasi todos, na vala comum da simples chalça e do anedotário da História.

Levanto esta tese e sustento-a perante a mais ilustre assembléa de homens de letras do Estado natal de Maximiano Machado: o historiador paraibano foi um dos "big" historiadores brasileiros da sua época, a quem uma mesquinha crítica de compadres ignorou e condenou a obscuridade!

E levanto-a, não por um espírito de gratuito revisionismo, mas como uma legítima tese das novas gerações provincianas do Brasil, que, sob a inspiração de novos e mais resolutos eruditos de provincia, como um Gilberto Freyre, um Camara Cascudo ou um Cato Friaça Junior, estão empenhadas neste instante, por meio artes e das ciências, no maior e mais entusiástico movimento de apóio aos valores da Provincia, valores do espírito e da cultura, tão grandes e generosos como os que mais o fôrem!

E' chegada, afinal, a hora de dizermos basta de conformismo e adoração aos Bezêrros de Ouro da Metrópole.

Eis até onde um falso culto a falsos deuses chegou a reduzir um grande historiador e sua grande obra: Maximiano Machado, cujos elevados conhecimentos de etnografia e historia provinham dos mais abalizados mestres europeus do século XVIII e XIX, conhecimentos que ele não guardou, egoisticamente, consigo mesmo, mas procurou com amor e dedicação aplicar aos fatos prosaicos de sua Pátria, numa época em que talvez nem uma dúvia de compatriotas seus eram capazes de o fazer, pois bem: esse homem ilustre e trabalhador infatigável não merece hoje sequer o registro de seu nome nos anais da educação nacional, e dele somente os seus comprovincianos osam ainda se lembrar para patrono de instituições de cultura!

De que lhe valeu produzir a obra cheia de anticipações geniais, um belo documento de inteligência e cultura, à cuja elaboração presidiram rigorosas diretrizes científicas?

Maximiano Machado previu e orientou seus estudos de história numa direção ecológica, que hoje constitui o alicerce de qualquer obra das ciencias sociais ou históricas. Varnhagen, metropolitano e medalhão da Côte, ignorou essa tendência e combateu-a, como inferior e dissolvente, onde quer que ela, no seu tempo, tentou pôr a cabeça de fora.

Injustiçado, esquecido, o grande historiador paraibano é uma vítima de seu amor à Provincia, vale dizer: de sua boa fé, de seu desintrêss, de seu patriotismo, de sua inteligência enfim essencialmente criadora que, se algumas vezes perdeu-se nos azares de um "bvarismo" condenável, muitos outras, porém, elevou-se até o grandioso e o magnífico na expressão de seu "inocentismo", na singelêza e comovente pachôrra com que amou e pesquisava a verdade.

Habitá-lo perante o povo e a nação que tanto amou e cujos destinos tentou definir, é a maior e a mais significativa homenagem que lhe poderão prestar as novas gerações do Estado.

Eu conclamo a todos os moços paraibanos com preocupações pelos estudos históricos e sociais: lembrai-vos de Maximiano Machado! O seu exemplo de estudioso e patriota é um atestado da grandeza e da coragem intelectual da Provincia, mas esse exemplo poderá levar-nos, aí de nós! ao suicídio e à auto-destruição da inteligência.

A Paraíba, no século XIX, deu um grande historiador ao Brasil; mas o côrtexanismo, o espírito anti-provinciano, o metropolismo todo-poderoso, que é dos piores males que ainda nos resta da fase Colonial portuguesa, fase em que tudo vinha da Metrópole-de-Lisboa — era bom, e tudo que aqui se produzia, não prestava — esse espírito, de sistematica negação dos valores provincianos, conduziu o primeiro de nossos historiadores ao mais indigno dos olvidos: o da ignorância deliberada, o da cegueira por não se querer vêr.

Salvá-lo do esquecimento final, da total absorção pelos medalhões da Côte, é salvar-nos precipuamente a nós próprios!

x x x

Senhores: ao ingressar oficialmente no seio da Academia Paraibana de Letras, como o mais novo de seus membros e, por isso mesmo, implicitamente qualificado, dentro dela, como representante das novas gerações do Estado, é debalde pensarem os filisteus e inimigos da Academia, vale dizer: da Ordem, da Tradição e da Autoridade que me arquivo muito cedo, e convindo, com esse gesto, aos meus companheiros de geração, ao abandono do "batente" literário, da luta pela sua posição ao sol, em troca de uma trônica e duvidosa imortalidade acadêmica.

Vede que escolho justamente uma atitude em contrário. Atitude de luta, de atuação constante e deses-sambrada. E maduras razões de ordem sociológica, de conhecimento do passado e de indução do futuro da nossa raça e sua cultura, é que me ditaram esta atitude.

A função das Academias de Letras, de Ciências ou de Histórias, em que pese todo o furor iconoclasta dos que as combatem, é uma função eminentemente disciplinadora, didática, valorisante e humanística.

Eliminar as Academias equivale a eliminar de um corpo em crescimento os órgãos de conservação das substâncias que o nutrem — sabem-no perfeitamente todos quantos as têm observado diante da Evolução e da História.

Tudo o que se poderia condenar, nas atividades acadêmicas, seria a sua perversão funcional, nos casos em que, pela incapacidade de expelir os resíduos literários, as Academias se fossilizam, se ossificam, e entram a comunicar ao meio ambiente, não mais as substâncias, que são o núcleo da agitação intelectual, mas já agora os simples germens da paráliza agitante das letras, que são os elogios mútuos, o compadrismo literário, as "igrejinhas" nefastas.

Em tais casos, porém, como nos casos em geral de quaisquer perversões, é a doença do órgão que merece combate, não o próprio órgão doente. Tal falta de clareza na distinção do alvo a combater é responsável por uma série interminável e injustas contra as Academias. Eu próprio teria de me penitenciar de algumas delas; não fôsse o espontâneo gosto da luta pela própria luta um apanágio da mocidade que dispensa justificações e arrependimentos.

Meus prezados confrades da Academia: não estou aqui para julgar o honrado o ilustre convívio que me ofereceis, porém, sim, para agradecer-vos a vossa generosidade e tornar-me digno dele.

Aceitai desde já esse agradecimento, que é grande e sincero, e podeis ficar certos de que as poucas forças intelectuais que possuo e as véras do meu carácter eu as porei, sempre e incondicionalmente ao lado das vossas, pela grandeza de nossa Academia, das artes e das ciências da nossa Provincia e de nosso País!

A FISIONOMIA DA CIDADE

JOSÉ LEAL

A elaboração da história ecológica da cidade, a que se dedica o jovem conterrâneo Juarez Batista, não exclui o estudo do papel representado pelos velhos sobrados, na crônica da nossa terra.

Até o presente não houve quem se abalancasse a interrogar os muros seculares dessas construções que emprestam colorido e movimentação à fisionomia da cidade, para arrancar os segredos que escondem avaramente.

E ignora-se até, a data em que eles se ergueram dos alicerces, destacando-se do casario achapado de beira e bica, característico das edificações comuns do período colonial. E isto, em vista da cidade nunca ter possuído um cronista apaixonado das suas tradições e dos seus aspectos marcantes, que procurasse penetrar o mistério das cousas preteritas e poetizando ou criando lendas que estimulassem o gosto do vulgo pelo maravilhoso.

Os velhos sobrados vão desaparecendo do panorama urbano, não restando mais nenhum que não tenha sido vítima de reformas profanadoras. Mas ainda conservam, embora atenuado, o sinete da época em que foram erguidos, quando predominavam concepções de estética e de conforto muito diferentes das que adotamos no presente.

Na verdade o conforto era mínimo, pois os homens do passado possuíam uma noção toda especial desses requintes civilizados, ausentes naqueles tempos mesmo em mansões fidalgas e paços reais, como se verifica de uma visita aos velhos palácios e castelos conservados intactos nos países de civili-

zações solidamente sedimentadas.

Excluídas as poucas mansões luxuosas da aristocracia rural brasileira nobilitada a força de decretos, as habitações do brasileiro de antanho pertenciam daquelas que hoje chamamos irreverentemente "casas de cachorro", por que lhes faltavam condições mínimas de habitabilidade segundo os padrões modernos. Eram inaceitáveis como residência pelo homem da atualidade, estando em nível inferior à casa das classes menos favorecidas da sorte dos nossos

dias. Principalmente na Paraíba, essas residências eram de uma pobreza tocante, cingindo-se toda demonstração da opulência do seu proprietário na ostentação das baixelas de prata.

Em nenhum escrito dos visitantes dos séculos passados vislumbra-se a mínima referência às residências bem montadas que porventura existissem na cidade, o que indica a ausência delas quer no Varadouro, na rua Direita, na Baixa, São Gonçalo ou da Areia, sem falar na das Convertidas, trechos com-

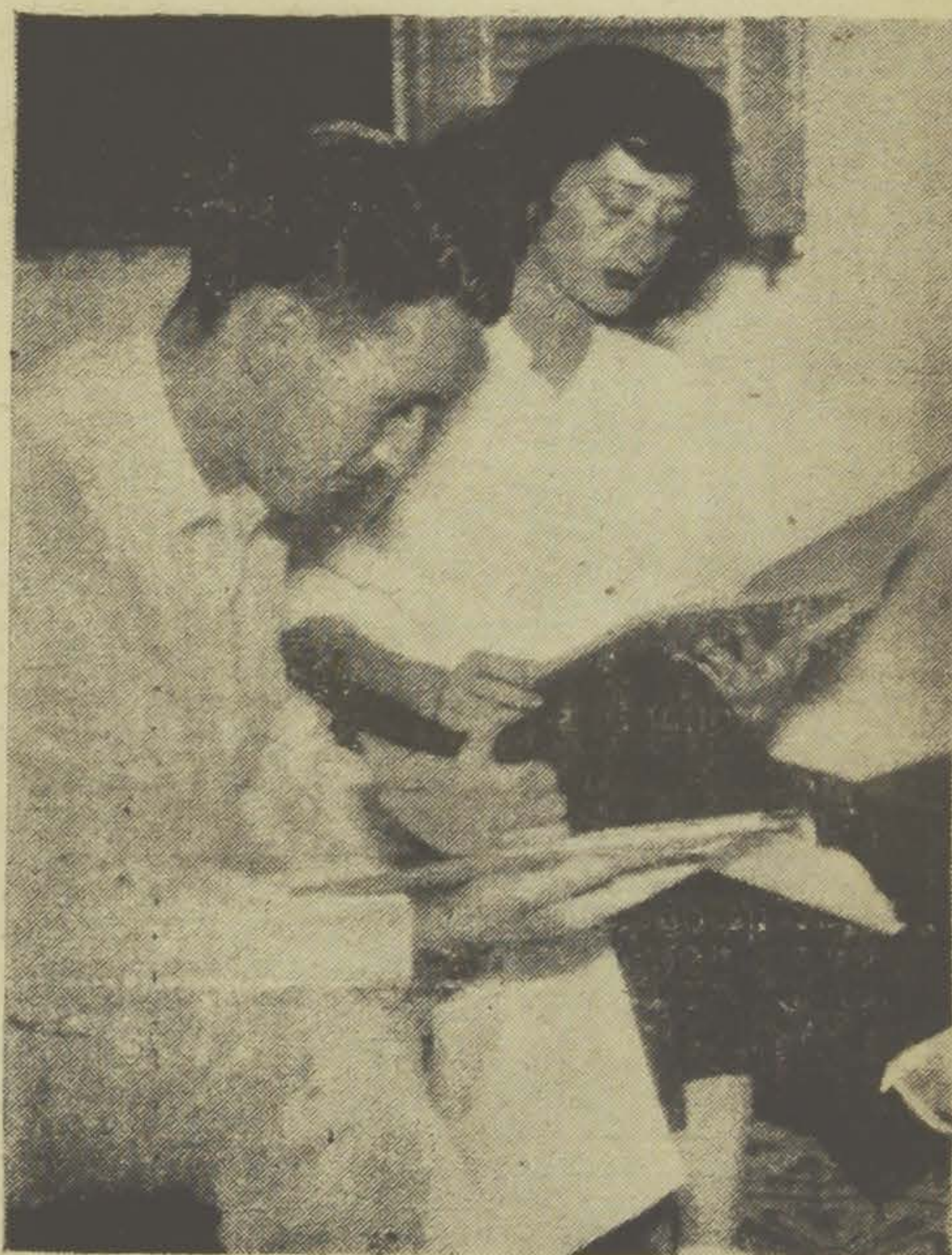
preendidos na área urbana propriamente dita, por que os demais figuravam como arrabaldes ocupados pelos alites que mais tarde passaram a se denominarem de chacaras.

Alguns dos velhos sobrados que aí estão profanados pelas mãos impias dos modernizadores da estética urbana, vieram de datas recuadas e lá sobra acolhedora dos seus tectos se criaram gerações que escreveram a história da nossa terra, ajudando a construir o patrimônio das tradições comuns, propiciando o clima para a formação da raça de homens fortes de inteireza moral a toda prova e espírito público sublimado, que caracteriza o paraibano que envereda pela vida pública, no âmbito, estadual ou amplo cenário da vida nacional.

Outros viram nascer aqueles que trouxeram do berço o estigma do martírio em holocausto a uma idéia, como é o caso do qual onde nasceu Peregrino de Carvalho, cujos muros guardam ainda a ressonância das angústias da sua família vendo-o marchar para o patíbulo na primavera da vida, quando tudo indicava que largas perspectivas se abriam diante dos seus passos. Sobrevive o velho sobrado, desfigurado, mutilado, pouco guardando da fisionomia primitiva, atestando as vicissitudes que tem enfrentado, apesar da placa que indica a sua origem nobre e o marco que representa na crônica das nossas lutas civis.

Outra velha casa de longa existência, se bem que da construção colonial só restam as paredes externas, abriga a repartição central de polícia, que pe-

TEATRO DO ESTUDANTE



EDIPO-REI alcançou grande sucesso no Recife, apresentado pelo Teatro do Estudante de Pernambuco, dirigido por Hermilo Borba Filho. O clichê fixa um aspecto do ensaio da famosa peça de Sófocles, vendo-se Genivaldo Wanderley e Ana Caners — que fizeram os dois papéis mais importantes.

(Conclui na página 12)